

# 2

## **Intervenção em Contexto Festivo no Ensino Superior**

RAUL MELO, PAULA ANDRADE, MIGUEL SAMPAIO E EQUIPA DO GRUPO DE INTERVENÇÃO NO ENSINO SUPERIOR DO IDT (GIES)

Artigo recebido em 05/01/10; versão final aceite em 19/02/10.

### **RESUMO**

O presente artigo aborda a intervenção em contexto festivo no Ensino Superior, explorando o trabalho desenvolvido pelo IDT nas Semanas Académicas através de um grupo de estudantes universitários voluntários formados e acompanhados por técnicos dos diversos Centros de Resposta Integrada (CRI) do país. Desta experiência resultou uma reflexão teórica sobre os modelos que enquadram este tipo de intervenção. Resultou, também, a necessidade de reflectir sobre a avaliação da intervenção e de corresponder aos aspectos emergentes dessa mesma avaliação. Sendo esta experiência um processo em construção este artigo terminará com um exercício de projecção no futuro.

**Palavras-chave:** Prevenção; Redução de Riscos; Contextos Recreativos/Festivos; Ensino Superior.

### **RÉSUMÉ**

Cet article aborde l'intervention près des élèves de l'enseignement supérieur dans un contexte de fête, explorant le travail développé par le IDT pendant les Semaines Académiques (Semanas Académicas) avec le recours à un groupe d'étudiants universitaires volontaires, formés et accompagnés par des techniciens des divers Centres de Réponse Intégrée (CRI) du pays. De cette expérience a résulté une réflexion théorique sur les modèles qui encadrent ce type d'intervention. On souligne, aussi, la nécessité de refléter sur l'évaluation de l'intervention et de répondre aux aspects qui émergent de cette évaluation. Puisque cette expérience est une procédure en cours, cet article finira avec un exercice de projection de l'avenir.

**Mots-clé:** Prévention; Réduction de Risques; Contextes Récréatives/de Fête; Enseignement Supérieur.

### **ABSTRACT**

The present article deals with the intervention in festive context in universities, exploring the work developed by IDT in the 'Academic Weeks' (Semanas Académicas) through a group of voluntary university students, formed and followed by technicians from several portuguese Integrated Response Centers (IRC). Upon this experiment, a theoretical reflection about models that fit this type of intervention was made. It was also made clear the necessity to think about this intervention evaluation, addressing the issues emerging from that evaluation. on the evaluation of the intervention and corresponding to the emergent aspects of this same evaluation. Being this experience a work in process, this article will finish with an exercise of anticipation.

**Key Words:** Prevention; Risk Reduction; Recreative/Festive Contexts; University.

### **RESUMEN**

El presente artículo aborda la intervención en contexto festivo en la enseñanza superior, explorando el trabajo desarrollado por el IDT en las Semanas Académicas a través de un grupo de estudiantes universitarios voluntarios formados y acompañados por técnicos de los diversos Centros de Resposta Integrada (CRI) del país. Esta experiencia originó una reflexión teórica sobre los modelos que encuadran este tipo de intervención. Resultó también la necesidad de reflexionar sobre la evaluación de la intervención y de corresponderse a los aspectos emergentes de esa misma evaluación. Sendo esta experiencia un proceso en construcción, este artículo terminará con un ejercicio de proyección en el futuro.

**Palabras Clave:** Prevención; Reducción de Riscos; Contextos Recreativos/Festivos; Enseñanza Superior.

## 1 – INTRODUÇÃO

O Grupo de Intervenção no Ensino Superior (GIES) foi constituído no final de 2006, tendo por objectivo "Desenvolver junto dos públicos do ensino superior, a prevenção, o aconselhamento e a acção comunitária, no sentido de promover o debate e a participação activa destes públicos na intervenção sobre a problemática do combate à droga e à toxicodependência, nomeadamente, através da intervenção e pela formação superior com especial interesse nos domínios da investigação e da avaliação." (Plano Nacional Contra a Droga e Toxicodependências, 2006).

A intervenção em contexto festivo é apenas uma das linhas de investimento que este grupo desenvolveu desde então. Iniciada em 2008, esta intervenção tem por objectivo a sensibilização do Meio Académico para os riscos associados ao consumo abusivo de substâncias psicoactivas neste contexto. A estratégia de base à intervenção passa pela mobilização e formação de pares voluntários que, enquadrados por técnicos do IDT, se assumem, durante os eventos, como veículo de sensibilização e transmissão de informação sobre as substâncias de consumo. Esta opção tem por base a evidência científica de que as pessoas tendem a ouvir e personalizar as mensagens e conseqüentemente a mudar atitudes se acreditam que o mensageiro é semelhante a elas e enfrenta as mesmas preocupações e pressões (Sloane e Zimmer, 1993; Milburn, 1995 *cit in* Pereira, 2005).

No primeiro ano – 2007/08 – foram cobertas as Semanas Académicas de 9 cidades, número este que duplicou em 2008/09. Também ao nível do número de voluntários envolvidos se verificou uma subida significativa, passando de 251 para 465 estudantes universitários. Já no que diz respeito ao apoio técnico por parte do IDT, passou de 51 técnicos envolvidos na intervenção para 127 em 2009. Ao longo de 400 horas de intervenção foram registadas mais de 50.000 interacções com os frequentadores destes eventos nos diários de bordo das equipas de voluntários. A dinâmica conseguida deve muito ao entusiasmo posto em prática por todos os técnicos do IDT envolvidos, e o presente artigo pretende dar visibilidade e promover o reconhecer deste verdadeiro esforço colectivo.

## 2 - REFLEXÕES TEÓRICO-PRÁTICAS

O processo de construção de uma linha de intervenção coerente envolveu muitos momentos de discussão e confronto de ideias na procura de um posicionamento entre uma abordagem preventiva e de redução de riscos e minimização de danos. Este questionamento procurou integrar as contribuições de ambas as áreas. Nas linhas que se seguem, procuraremos sintetizar algumas destas ideias, tendo por base a experiência prática dos intervenientes.

A **Prevenção** orienta a sua intervenção, de acordo com a definição da EMCDDA, na óptica de evitar ou retardar o início do consumo de substâncias psicoactivas. Em função do ponto de partida para este tipo de intervenção definiram-se 3 tipos de prevenção, uma de carácter mais universal em que se assume que o sistema sobre o qual se pretende intervir não está ameaçado por factores de risco específicos, requerendo uma abordagem integrada de estratégias e metodologias que garantam a manutenção do mesmo. Um segundo tipo de intervenção – prevenção selectiva – é dirigido a um sistema instável onde a interacção entre realidades em que o risco e o comportamento desviante se potenciam mutuamente, fragilizam o todo, requerendo a resposta a necessidades específicas e um esforço de integração. Finalmente, o terceiro tipo de prevenção – prevenção indicada – toma como alvo um sistema em risco onde o comportamento prejudicial compromete já o indivíduo, não estando em causa o (des)equilíbrio – já diagnosticado – mas a capacidade de evitar que o comportamento indesejável se cristalice, assumindo um carácter permanente. (Paglia e Room, 1998).

É nestes últimos dois tipos de prevenção que usualmente se posicionam os defensores de uma abordagem preventiva ao contexto recreativo/festivo, tendo por argumento a não existência de uma patologia instalada e de que a intervenção procura promover o desenvolvimento da capacidade de manter o equilíbrio dentro de um contexto de risco.

Para esse efeito, a prevenção faz uso da (in)formação – efeitos das substâncias, resistência à pressão de pares, competências de gestão de conflitos, etc. – explora as normas, os normativos e os papéis sociais, – as leis, regras e limites familiares, as expectativas e com-

promissos grupais - promove formas alternativas de prazer e respostas de desenvolvimento social, junto a alvos tão díspares quanto o *staff* dos bares e discotecas, os moradores, as famílias, os serviços associados à dinâmica nocturna.

Os elementos da rede de relações do frequentador da festa e os próprios organizadores desta transportam crenças e mitos sobre o consumo de substâncias que funcionam como mediadores da sua legitimação ou não (Calafat e col., 2005).

A **Redução de Riscos** teve a sua raiz nas intervenções em sistemas caóticos que pela sua fragilidade não acediam aos recursos disponibilizados para a generalidade. As respostas de proximidade permitiam, assim, aceder aos problemas que não eram expressos dado o seu carácter marginal (Needle e col., 2005). O pressuposto deste tipo de intervenção não é evitar o desequilíbrio já que ele está instalado. Antes pelo contrário, a intervenção de redução de riscos e minimização de danos procura criar condições para que a marginalidade seja ultrapassada e exista consciência e desejo de introduzir algum tipo de mudança que, necessariamente, num primeiro tempo, será mais de tipo comportamental e menos ao nível de valores e atitudes.

Este tipo de intervenções desenvolve-se na expectativa de que um trabalho continuado permita a estabilidade da mudança que conduza, por sua vez, à procura de outro tipo de soluções mais adequadas às necessidades identificadas. Define-se assim uma sequência de metas intermédias, segundo uma abordagem pragmática (Marlatt e col., 1998).

A escassa motivação para a mudança, o carácter caótico do contexto, o não reconhecimento ou consciência da necessidade de ajuda são alguns dos principais argumentos daqueles que defendem a integração das intervenções em contexto recreativo no âmbito da Redução de Riscos. Mais do que promover grandes mudanças, este tipo de intervenção procura aumentar a consciência dos riscos presentes no contexto. Sabemos que uma percepção mais elevada do risco está associada a uma menor probabilidade de consumo (Calafat e col., 2005). Pretende-se explorar estratégias contentoras ou remediadoras junto ao próprio ou ao seu grupo de referência, eventualmente referenciar respostas em

contextos mais estáveis e de forma menos pontual.

Para este efeito, as intervenções de Redução de Risco fazem da relação de proximidade, informal e altamente adaptável, um dos seus principais instrumentos, fazendo uso do aconselhamento em relação à utilização das substâncias, o fornecimento de informação útil face aos comportamentos presenciados ou reportados, intervindo em cenários de crise e referenciando para respostas mais sustentadas.

Pondo as duas áreas em equação - Prevenção vs. Redução de Riscos - percebe-se que tendo ambas aspectos em comum - a relação como principal factor de mudança - são muitos os que são díspares.

- **O Timing** - a Prevenção concentra o seu esforço no Antes, enquanto a Redução de Riscos intervém no Durante. Mesmo quando equacionamos a prevenção de tipo indicado, a intervenção não ocorre na altura em que os comportamentos disruptivos estão a ter lugar. O que a caracteriza é que toma os seus actores como alvo e trabalha com eles o seu desenvolvimento pessoal. Já a Redução de Riscos, por estar no terreno na altura e no local onde o comportamento ocorre, procura evitar males maiores a partir de práticas mais seguras.
- **O Setting** - o *setting* da intervenção preventiva é Fora do local onde o comportamento disruptivo ocorre, procurando espaços que permitam a continuidade e a interacção. Já a equipa de rua dificilmente poderá conseguir aceder ao grupo alvo e aos seus comportamentos se não for Dentro do local onde estes acontecem. Não queremos com isto dizer que a prevenção não intervém em contextos caóticos, mas quando o faz procura promover espaços de estabilidade que garantam condições básicas ao estabelecimento de uma relação continuada.
- **O Tipo de informação** - Ambas as linhas de acção fazem da informação um importante instrumento de relação, contudo, a natureza da mesma é distinta. Assim, enquanto numa perspectiva preventiva a informação suporta o processo Pró-activo de questionamento de si e da realidade que o rodeia, no caso da redução de riscos a informação pertinente é a que diz respeito ao aqui e agora, possibilitando uma melhor Reacção ao que está a acontecer ou na

eminência. O contexto limita a quantidade e profundidade da informação transmitida.

• **O Enfoque** – A relação preventiva centra-se na Pessoa como um todo, interessando-se por valores, modelos de referência, interesses, habilidades etc. e procura através de uma abordagem integradora promover o seu crescimento. Já a Redução de Riscos, em função do contexto, centra-se no Comportamento visível, avançando para a relação apenas quando este não resulta impeditivo da mesma.

Desta equação resulta a complementaridade das intervenções, ou até mesmo a coexistência das mesmas no espaço e no tempo da intervenção em contexto recreativo, consoante os indivíduos a que se dirige e os contextos em que se desenvolve (espaço fixo vs. pista de dança ou interior vs. exterior do recinto). Reduzir riscos associados ao consumo de bebidas alcoólicas poderá ser altamente preventivo ao nível dos acidentes rodoviários, ou dos comportamentos sexuais desprotegidos. Esta sobreposição de sujeitos e objectivos tem reforçado a discussão estéril sobre o posicionamento da intervenção em contextos recreativos entre a prevenção e a redução de riscos, à qual consideramos que só a prática poderá dar resposta numa abordagem integradora.

### 3 - INTERVENÇÃO EM CONTEXTOS FESTIVOS UNIVERSITÁRIOS

A intervenção em contexto recreativo tem como principal característica o facto de incidir sobre uma população heterogénea, que se reúne com objectivos de diversão num espaço com uma cultura própria. O indivíduo, quando se decide pela frequência de um tipo de contexto, cria um conjunto de expectativas em função da natureza do espaço escolhido. Essas expectativas encontram e produzem dinâmicas que podem conduzir a comportamentos que resultam num conjunto de experiências de grande intensidade, que poderão, ou não, envolver coisas tão díspares como o consumo de substâncias psicoactivas, (Brain, Parker e Carnwath; Measham, Parker e Aldrige; Parker, Williams e Aldridge, citados por Holt, 2005), experiências sexuais, a possibilidade de confrontações físicas. Quando esse espaço é investido de uma tradição académica e

assume um lugar de destaque no calendário estudantil, alguns aspectos específicos acrescem às particularidades da intervenção em contexto festivo.<sup>1</sup>

Durante o período de uma semana, um grupo encoberto, diluído na comunidade, destaca-se e assume um papel central da dinâmica da cidade, alterando o quotidiano no ritmo e na ocupação dos espaços. Em nome do ritual, a pressão de pares é mais marcada numa perspectiva de testar os limites e a capacidade de resistência às substâncias em geral e às bebidas alcoólicas em particular. O carácter tradicional reflecte-se, igualmente, na programação e na tolerância da comunidade para o excesso. Actividades como o desfile académico ou o *rally* das tascas, criam contextos de convívio facilitadores do consumo. Deste modo, muitos dos excessos podem ter lugar ainda antes da chegada ao recinto do festival académico, diminuindo ainda mais o controlo e a capacidade de gerir situações associadas a este contexto festivo.

Também o desenraizamento a que o estudante universitário pode estar sujeito, deverá ser um aspecto a considerar na intervenção. Na ausência de limites externos - como o controlo familiar - o actor analisa a sua situação de forma menos condicionada, expondo-se mais à sensorialidade da situação e à sua (in)capacidade de gerir a pressão daí resultante.

Finalmente, a organização temporal a que o estudante universitário está sujeito, alternando ciclos avaliativos com outros de carácter pouco estruturado, facilitam um funcionamento instável onde o plano recreativo pode desempenhar um papel importante no processo de integração e no combate ao *stress* e à frustração associados ao insucesso académico.<sup>2</sup>

Todos estes aspectos conjugados conferem a esta intervenção características que a diferenciam do simples cruzamento entre a experiência resultante dos festivais de Verão com a resultante da intervenção das equipas de rua em contexto recreativo nocturno. O resultado é um grupo alvo diferenciado, exigente na qualidade da informação, aberto à interacção mas resistente a qualquer sugestão de risco, encarando a experimentação/uso como algo que faz parte da sua iniciação e o excesso como sinal de experiência. (Paglia e Room, 1998). O domínio dos códigos de comportamento e as

referências rituais conferem ao grupo de pares um papel estratégico de enorme potencial na abordagem a este contexto reforçado pela disponibilidade pessoal, associada a um estilo comunicacional compatível.

Face a esta estratégia é responsabilidade do técnico garantir o controlo sobre a menor consciência de riscos e limites que poderão desequilibrar o voluntário para um posicionamento em áreas de carácter eminentemente técnico, substituindo-se a estes em situações de crise. Por outro lado, enquadrar o entusiasmo e voluntarismo com conhecimento e rigor, definindo com ele um código de conduta que reforce o seu estatuto aos olhos dos outros e não comprometa a imagem institucional que ele representa durante a intervenção.

#### 4 - INTERVENÇÃO

##### a. Organização Estrutural

Numa intervenção de redução de riscos em contexto festivo no ensino superior é fundamental a capacidade de adaptação a diferentes realidades quer regionais quer, no decurso da intervenção, à flutuação da população a envolver, em função do programa das festas e da evolução dos consumos ao longo da noite.

Para o desenvolvimento da intervenção foram mobilizados **138 técnicos do IDT**, incluindo o grupo de coordenação e a equipa de formadores. Este grupo integrou formações académicas variadas: Psicologia (37%), Enfermagem (29%), Serviço Social (15%), Técnicos Psicossociais (9%), Sociologia (8%), Comunicação Social e Psicopedagogia. De igual modo, a diversidade está igualmente patente nas áreas de missão a que estão ligados, sendo provenientes das áreas da prevenção (24%), redução de riscos (17%), tratamento (11%) e reinserção (2%), havendo ainda elementos que acumulam funções em mais do que uma área de missão (41%)<sup>3</sup>. Desta distribuição depreende-se que a heterogeneidade do grupo obrigou a um esforço de integração de diferentes visões, fruto da multiplicidade de formações e de áreas de investimento.

Esta intervenção foi igualmente marcada pela preocupação de complementaridade institucional. Foi registado um total de **96 parcerias** com instituições de diferentes características. Dos parceiros referidos destacaremos,

por um lado, a função de coordenação local, por vezes promovida pelos **Governos Cívicos**, a conjugação de esforços com as **IPSS's e ONG's**<sup>4</sup>, não apenas para evitar a sobreposição de intervenções, mas também como forma de valorizar a sua experiência de campo no processo de formação dos voluntários<sup>5</sup>. O enquadramento da experiência proporcionada aos voluntários, em áreas curriculares de algumas licenciaturas, por parte de algumas **Instituições do Ensino Superior**, é outra boa prática que merece ser referenciada, lado a lado com o envolvimento dos **Gabinetes de Apoio ao Estudante** no envolvimento dos voluntários. A parceria mais delicada e a merecer um esforço adicional de articulação é a que envolve as **Associações Académicas**, nomeadamente ao nível da sensibilização para alguns cuidados a ter na organização dos eventos que os tornem mais seguros sem interferir com a diversão e o lucro proporcionado.

Em alguns casos, as **Forças de Segurança** surgem igualmente como parceiro de referência com especial relevância na criação de condições para o controlo da alcoolemia nos recintos. O **Instituto Português da Juventude** surge ainda como outro dos parceiros referenciados, correspondendo às necessidades de suporte logístico, nomeadamente ao nível dos recursos para a montagem de espaços fixos de interacção. Esta relação revela-se promissora tendo em conta o empenho deste organismo ao nível da intervenção em festivais de Verão e o potencial alargamento da intervenção dos voluntários universitários a outros contextos para além das Semanas Académicas. Uma última referência para o papel da **Direcção Geral do Ensino Superior (DGES)** como facilitador e co-responsável na intervenção, numa relação que se poderá revelar essencial no reforço da proximidade com as Associações Académicas e com os Serviços de Acção Social.

##### b. Mobilização

Como já foi anteriormente referido, no presente ano foram mobilizados **465 voluntários**. O grupo foi preponderantemente constituído por elementos do sexo feminino (77%), maioritariamente a frequentar os 2º e 3º anos (62%)<sup>6</sup>. Em termos de áreas de formação é inte-

ressante registar a diversidade das mesmas, expressa nos **mais de 30 cursos** aos quais os voluntários estão ligados. Prevaecem os estudantes de Enfermagem (38%), Psicologia (17%), Educação Social (11%), Serviço Social (10%), Sociologia (5%) e Animação Social (5%). Naturalmente predominam cursos na área da saúde e da intervenção social, ainda que seja de valorizar os 9% de voluntários oriundos de outras áreas (engenharia, justiça, gestão, educação, turismo, etc.) e que reforçam

a ideia que a adesão a um projecto com este cariz não deve depender da área de formação académica.

Se, por um lado, esta distribuição vai ao encontro da preocupação de evitar a fragilização dos grupos de voluntários pela marcada presença de jovens mais novos e de menor estatuto académico, por outro, coloca questões de risco acrescido resultantes do predomínio de elementos do sexo feminino, face ao risco de provocação ou assédio.

**QUADRO 1** – Distribuição de Técnicos e Voluntários por Delegação Regional

	DRN	DRC	DRLVT	DR Alentejo	DR Algarve	TOTAL
<b>Voluntários</b>	165	164	60	66	10	465
<b>Técnicos</b>	54	21	33	11	5	124 <sup>7</sup>
<b>Rácio</b>	1:3	1:7	1:2	1:6	1:2	1:4

### c. Metodologia

A metodologia da intervenção centrou-se essencialmente numa abordagem informal de proximidade, quer ao nível da transmissão de informação sobre os efeitos do consumo de substâncias psicoactivas consumidas em meios recreativos, quer ao nível dos riscos associados à sua mistura e repercussões nas áreas da sexualidade e da condução.

A intervenção consistiu na distribuição de materiais de prevenção (desdovráveis, preservativos, fitas, etc.) acompanhada de contactos personalizados com jovens frequentadores das Semanas Académicas. Face à diversidade de realidades em que a intervenção decorreu – a nível regional e em função da programação – cada CRI teve liberdade total na definição da melhor estratégia de abordagem, variando desde a organização de um espaço fixo a partir do qual as equipas executavam as suas rondas, a selecção de um ponto estratégico – entrada no recinto, proximidade da zona de restauração, etc. – na qual incidiu a intervenção ou a cobertura de zonas identificadas como sendo de maior risco sem a existência de espaço fixo de suporte.

Genericamente, os voluntários foram distribuídos por turnos de carga horária variável, de modo a cobrir os períodos de maior afluência, em equipas que integraram entre 2 a 7 elementos. Verifica-se que as intervenções decorreram dentro de um intervalo de

tempo entre as 22h e as 06h, variando de acordo com o programa e as localidades. Os técnicos do IDT tiveram como função enquadrar as equipas de terreno, formando-os, preparando os materiais, dando orientações sobre os locais a ser intervencionados e disponibilizando o apoio solicitado.

Aos grupos foram fornecidos os principais contactos dos serviços de emergência associados ao evento, de forma a poderem solicitar apoio sempre que uma situação de crise fosse detectada.

### d. Formação

O programa de formação dos voluntários foi estruturado para decorrer em 24 horas presenciais, complementadas por reuniões preparatórias e experiências práticas em contextos recreativos, quando tal fosse possível, preferencialmente sob orientação de equipas de rua com experiência neste campo. O programa incidiu sobre a contextualização da intervenção nas Semanas Académicas dentro das áreas de missão do IDT, incluindo uma apresentação sumária dos recursos deste instituto. A formação incluiu igualmente a exploração de informação sobre as substâncias mais consumidas em contexto recreativo ao nível de efeitos, riscos associados e enquadramento legal. Finalmente, integrava conteúdos referentes às intervenções de proximidade, em termos de estratégias, comunicação e gestão de conflitos.

Genericamente, a avaliação da formação recebida<sup>8</sup> foi **boa**, no que diz respeito à estruturação, à metodologia utilizada e ao grau de habilitação proporcionado. Já a qualidade da relação estabelecida por parte dos formadores e a pertinência dos temas abordados recebeu uma avaliação **muito boa**. É igualmente de realçar a **boa avaliação** que é feita à clareza de procedimentos a adoptar durante a intervenção e a sua exequibilidade, sendo este um dos principais objectivos do processo formativo.

### e. Materiais

Procurou-se particularizar a mensagem a transmitir aos frequentadores das semanas académicas, não apenas através de uma escolha da informação mais de acordo com o padrão de consumo deste contexto, mas também indo ao encontro de uma imagem com referenciais académicos.

A informação centrou-se em 4 substâncias – álcool, *cannabis*, *ecstasy* e cocaína – e para além dos efeitos que cada uma delas produz, foi dado ênfase aos riscos

associados à mistura das mesmas. De igual modo foi também incluída no desdobrável informação referente ao enquadramento legal do consumo de substâncias psicoactivas, bem como o seu impacto ao nível da sexualidade e da condução.

Num trabalho articulado entre elementos do Núcleo de Prevenção e do Núcleo de Redução de Riscos, em estreita colaboração com especialistas na área da alcoologia<sup>9</sup>, construiu-se o corpo central do desdobrável, que se estruturou em torno da mensagem "O Camelo bebe em excesso para atravessar o deserto. Se não estás no deserto...". O desdobrável foi reproduzido em larga escala – 1.000.000 de unidades – em co-responsabilidade com a Direcção Geral do Ensino Superior.

No decurso da intervenção, foram utilizados outros materiais de distribuição para além do desdobrável, nomeadamente preservativos masculinos, preservativos femininos, chupa-chupas entre outras coisas. No total, foi contabilizada a distribuição de 124.771 materiais, cuja divisão poderá ser observada no quadro 2.

QUADRO 2 – Materiais distribuídos durante as Semanas Académicas

	Desdobráveis	Preserv. Masc.	Preserv. Fem.	Chupa-chupas	Outros <sup>10</sup>	Total
DRN	27.827	26.619	3.156	8.800	9.752	76.154
DRC	6.762	1.387	0	1.000	4.380	13.529
DRLVT	5.794	5.846	362	0	409	12.411
DRA	2.885	2.247	550	564	3.381	9.627
DR Algarve	3053	6.048	1.102	600	2.247	13.050
<b>TOTAL</b>	<b>46.321</b>	<b>42.147</b>	<b>5.170</b>	<b>10.964</b>	<b>20.169</b>	<b>124.771</b>

## 5 - DADOS SOBRE A ALCOOLEMIA

A utilização de testes de alcoolemia não foi uma prática generalizada no projecto. A dependência de terceiros para

a concretização do mesmo – PSP/GNR, Governos Cívicos, etc. – fez com que, na prática, apenas 11 cidades tenham conseguido reunir condições para a recolha de dados.

QUADRO 3 – Distribuição do número de testes de alcoolemia por Cidade e por Sexo

	Cidades / Sexo			Total	Cidades / Alcoolemia		
	Feminino	Masculino	S/R		Negativo	Positivo	Crítico
Aveiro	97	240	0	<b>337</b>	81	256	200
Braga	30	172	1213	<b>1415</b>	608	808	267
Bragança	52	87	0	<b>139</b>	103	36	7
Coimbra	212	326	-	<b>538</b>	-	-	-
Faro	232	444	0	<b>676</b>	222	453	102
Guarda	2	0	100	<b>102</b>	18	84	53

continua



continuação

<b>Portalegre/Elvas</b>	3	9	5	<b>17</b>	7	10	0
<b>Porto</b>	298	704	0	<b>1002</b>	371	614	0
<b>Santarém</b>	31	67	0	<b>98</b>	35	63	16
<b>Viana</b>	125	339	0	<b>464</b>	180	282	81
<b>Via Real</b>	35	101	0	<b>136</b>	67	69	18
	<b>1117</b>	<b>2489</b>	<b>1318</b>	<b>4924</b>	<b>1692</b>	<b>2675</b>	<b>744</b>

Foram efectuados 4934 testes, dos quais 1002 eram qualitativos (Porto Elvas e Portalegre). Não foram dadas orientações de homogeneização do processo, razão pela qual as realidades foram muito díspares, desde o intervalo de tempo durante o qual se efectuou a recolha, o procedimento, os elementos recolhidos, etc. No cômputo geral, a recolha de dados decorreu entre as 23h e as 06 horas. A amostra trabalhada inclui 2163 homens e 905 mulheres, havendo 1866 sujeitos em relação aos quais não se dispõe de dados quanto ao sexo. Os sujeitos que foram testados tinham idades compreendidas entre os 14 e 54 anos, situando-se a média nos 22 anos para ambos os sexos. A informação sobre a escolaridade foi igualmente recolhida de forma lacunar, contudo, dos 1537 indivíduos de quem se tem informação, 92% são estudantes universitários.

Os níveis de alcoolemia distribuíram-se num intervalo entre 0 e 6,34<sup>11</sup>. Dado que, em alguns locais, apenas foi possível trabalhar com testes qualitativos, procedeu-se à transformação dos dados quantitativos em qualitativos mantendo, contudo, a diferenciação dentro dos resultados positivos, entre aqueles que acusaram um valor superior a 1,2 e que, de acordo com a lei, incor-

rem em crime se forem apanhados a conduzir.

Uma primeira leitura torna evidente a heterogeneidade da amostra em relação aos locais onde os dados foram recolhidos. Não havendo informação sobre o critério utilizado para a constituição da amostra, não é possível tirar conclusões dos mesmos. Constata-se apenas algumas particularidades, como por exemplo o facto Braga e Porto serem responsáveis por metade dos casos assinalados como positivos e, especificamente no que diz respeito aos casos críticos identificados, 2/3 verificarem-se em Braga e Aveiro. Ainda em relação aos testes com valores críticos (valores superiores a 1,2), verifica-se que em Aveiro eles correspondem a 59% dos testes efectuados, encontrando-se valores aproximados igualmente na Guarda (52%). Nas restantes cidades, este nível de alcoolemia não atinge os 20%. Por outro lado, apenas em Bragança e Portalegre o número de testes negativos é superior aos testes positivos. As proporções entre testes positivos e negativos equilibram-se em Braga, Portalegre e Vila Real, verificando-se as maiores desproporções em Guarda (5:1) e Aveiro (4:1). No Porto, Faro, Santarém e Viana do Castelo, a razão é aproximadamente de 3:1.

**QUADRO 4** – Distribuição dos níveis de alcoolemia por Sexo

Alcoolemia	Níveis	Totais	Alcoolemia/Sexo	Totais
<b>Negativo</b>	abaixo de 0,5	<b>1692</b>	Masculino	<b>743</b> <b>44%</b>
			Feminino	<b>393</b> <b>23%</b>
			S/R	<b>556</b> <b>33%</b>
<b>Positivo</b>		<b>2675</b>	Masculino	<b>1409</b> <b>53%</b>
			Feminino	<b>504</b> <b>19%</b>
			S/R	<b>762</b> <b>28%</b>

Recorrendo à amostra com dados quantitativos é possível verificar que a média de alcoolemia nos homens é de 0,94, com um desvio padrão de 0,96, enquanto para as mulheres a média é mais baixa, situando-se ao nível

dos 0,85, com um desvio padrão de 0,86. O quadro 5 analisa os dados quantitativos que se situam acima do limite de 1,2 e função do sexo dos indivíduos testados.



**QUADRO 5** – Distribuição dos níveis críticos de alcoolemia por Sexo

Alcoolemia	Níveis	Totais	Alcoolemia/Sexo	Totais	
Crítico	acima de 1,2	744	Masculino	380	51%
			Feminino	103	14%
			S/R	261	35%

Ainda que a falta de dados referentes ao sexo de algum dos indivíduos testado seja significativa, é interessante verificar que enquanto para os testes de resultado negativo a proporção entre pessoas do sexo masculino e as do sexo feminino é aproximadamente de 2:1, no que diz respeito aos resultados positivos essa razão sobe para um valor próximo do 3:1, valor esse que se acentua ainda mais quando se exploram os dados referentes aos resultados "críticos" situados acima dos 1,2.

Analisando os dados em função da hora a que os testes foram efectuados, verifica-se que a percentagem de testes positivos flutua ao longo da noite – com exclusão da 1ª hora - entre os 41% e os 53%, não apresentando uma tendência a agudizar com o decurso da noite. Esta ideia é corroborada pela estabilidade dos testes negativos, que oscila entre os 36% e os 38%, na comparação entre as diferentes horas de testagem. A primeira hora – entre as 23h e as 23h 59' – é a única que apresenta uma distribuição completamente singular, sendo preponderantes os testes que apresentam um nível crítico de alcoolemia (71% dos testes efectuados) para o qual muito contribuem os dados recolhidos na Semana Académica de Aveiro. Este facto reforça a ideia de que uma parte significativa do consumo de álcool não decorre no recinto do festival académico mas antes, no convívio que o antecede. Este facto faz-nos pensar na importância de iniciar a intervenção mais precocemente, não limitando o enfoque na intervenção ao "quemodromo" e alargando-a a outros espaços da cidade – com tradição como pontos de encontro de estudantes procurando, com uma abordagem preventiva, retardar o crescendo dos níveis de alcoolemia.

Os dados aqui apresentados devem ser encarados com reserva, já que a diversidade de procedimentos, critérios e até mesmo de instrumentos utilizados não permite comparação dos mesmos, servindo apenas de referência para intervenções futuras e de motivação

para um maior rigor na abordagem a uma área de análise que se revelou de enorme interesse.

## 6 - AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO

Nesta intervenção houve a preocupação de adoptar um procedimento de recolha de informação que permitisse uma avaliação do trabalho desenvolvido a partir de vários ângulos. Deste modo, procedeu-se à elaboração de um **Diário de Bordo** que permitisse às equipas de voluntários uma contabilização dos contactos por elas estabelecidos com os frequentadores da Semana Académica e do tipo de interacção deles decorrentes. Foi criada uma **Grelha do Avaliador**, entregue aos técnicos do IDT, a qual foi aplicada a uma hora fixa (02h 30) e através da qual se fazia o levantamento de quantos frequentadores haviam tido contacto ou conhecimento do trabalho desenvolvido pelo IDT através dos grupos de voluntários, solicitando-se uma avaliação da pertinência do mesmo. Procedeu-se à recolha de endereços electrónicos, junto aos frequentadores, de modo a proceder a uma avaliação *a posteriori* através do **Questionário aos Destinatários**. Neste questionário procurou-se incluir perguntas sobre o impacto da intervenção ao nível de comportamentos de risco no decurso na Semana Académica. Deste procedimento resultou a recolha de 168 questionários, número que representa uma taxa de retenção próxima dos 10% dos questionários enviados.

Finalmente, os procedimentos de avaliação foram complementados com os **Questionários de Avaliação Final** aplicados quer aos voluntários, quer aos técnicos do IDT envolvidos. Passamos agora a analisar os dados recolhidos:

### a. A perspectiva dos frequentadores

Como já foi referido anteriormente, os frequentadores das Semanas Académicas foram convidados a

pronunciarem-se sobre a intervenção do IDT em dois momentos diferentes. Um, durante o próprio evento em resposta à Grelha do Avaliador e outra, mais tarde, por inquérito enviado por *e-mail*.

Dos dados recolhidos através da **grelha do avaliador** (n=2518) é possível constatar que 61% dos inquiridos tinham conhecimento da intervenção em curso, enquanto 38% desconheciam que o IDT estava a desenvolver uma intervenção no contexto da Semana Académica. Pensamos que estes valores representam já um bom índice de visibilidade da intervenção,

ainda que seja importante sublinhar que este resultado pode ter sido condicionado pela deficiente identificação das equipas de voluntários havendo muita gente que, tendo entrado em contacto com eles, não os associaram ao IDT.

Instados a atribuir uma valorização à iniciativa<sup>12</sup> os inquiridos consideraram a intervenção **Muito Importante** (4,5). Este valor oscila de cidade para cidade, situando-se contudo sempre acima do valor 4. O quadro 6 traduz a distribuição em função das cidades onde foi possível reunir informação da intervenção.

**QUADRO 6** – Quadro resultante da grelha do avaliador aplicada durante o evento

Cidade	Número de respostas recolhidas	Conhecimento da intervenção	Média de valorização atribuída
Aveiro	360	Sim = 161 / Não = 145	4,6
Beja	75 (142)	Sim = 75	5,0
Braga	100	Sim = 88 / Não = 12	4,0
Bragança	18	Sim = 18	4,3
Covilhã	63	Sim = 56 / Não = 8	4,3
Évora	183	Sim = 117 / Não = 65	4,3
Faro	183	Sim = 160 / Não = 23	4,5
Lisboa	63	Sim = 43 / Não = 17	4,9
Portalegre/Elvas	59	Sim = 47 / Não = 12	4,6
Porto	497	Sim = 115 / Não = 382	4,5
Santarém	207	Sim = 167 / Não = 39	4,6
Viana do Castelo	217	Sim = 182 / Não = 35	4,9
Vila Real	195	Sim = 87 / Não = 108	4,1
Viseu	351	Sim = 213 / Não = 138	4,5

Genericamente, a área mais valorizada pelos inquiridos é a relativa à transmissão de informação e à distribuição de materiais, sendo menos valorizado o estabelecimento de relação, ou a prestação de apoio durante o evento. Consideramos que esta perspectiva vai ao encontro do que intuitivamente se considera ser a disponibilidade do frequentador de contextos recreativos em geral e de festivais académicos em particular para uma intervenção de proximidade.

No que diz respeito ao **Questionários aos Destinatários** (n = 168), a amostra foi constituída por 62% de elementos do sexo feminino e 38% do sexo masculino, com uma média de idades de 23,36 anos, sem diferença significativa entre ambos os sexos. Os questionários foram obtidos a partir de 14 CRI diferentes. Os inquiri-

dos disseram ter estado presentes entre 1 a 9 noites do programa da Semana Académica, situando-se a média em torno das 3 noites.

Começamos por constatar que 79% dos inquiridos se lembra de ter tido contacto com a intervenção levada a cabo pelo IDT durante a Semana Académica. Maioritariamente, os inquiridos lembram-se da equipa (90%) com quem tiveram contacto, dos materiais por ela distribuídos (95%), da informação fornecida (83%) e do desdobrável de suporte à intervenção (84%). Já a recordação sobre a concretização do teste de alcoolemia, ou da necessidade de apoio, tem valores mais baixos (62% e 30% respectivamente), facto compreensível, tendo em conta que não foi uma prática comum a todas as intervenções.

A Avaliação da qualidade da intervenção dos voluntários<sup>13</sup> é genericamente **Boa** no que diz respeito à abordagem, à relação estabelecida e à clareza da informação prestada. Avaliando a iniciativa do IDT no seu todo, os inquiridos consideraram-na **bastante pertinente** (5,37), considerando **boa a estratégia** de recorrer a pares na abordagem aos frequentadores (5,3). Já os materiais fornecidos receberam a valorização de **Muito Bom** (5,5).

No que respeita especificamente ao desdobrável produzido é de referir que 66% dos inquiridos recordam o desdobrável, sendo a sua avaliação genericamente **Boa**, no que toca à **Quantidade de Informação** (4,87), à **Qualidade da Informação** (média 5,10), aos **Conteúdos** seleccionados (5,08) e ao **Grafismo** utilizado (5,02), numa conjugação de dados francamente positiva.

Finalmente, no que diz respeito ao impacto da intervenção e tendo clara consciência do valor relativo dos dados obtidos – não apenas pelo tamanho da amostra, e pelo instrumento de recolha, mas sobretudo pelo viés que resulta do facto de apenas as pessoas mais colaborantes aceitarem responder ao questionário – as

respostas sugerem uma valorização muito significativa da intervenção, com um terço dos inquiridos a considerarem que houve alterações de comportamento, seu e dos seus amigos, no que diz respeito ao consumo de substâncias psicoactivas, sexualidade e condução. O valor mais significativo situa-se na maior consciência dos riscos corridos ao nível do consumo (57%), na redução dos mesmos ao nível da sexualidade (40%) e na redução do consumo de álcool (41%).

É interessante constatar que, genericamente, os inquiridos consideram que a mudança foi mais significativa em si do que nos amigos, com a maior disparidade a verificar-se ao nível da *consciência dos riscos* e na *redução do consumo de álcool*.

Estes resultados deverão ser encarados apenas como uma referência, não sendo passíveis de extrapolações e grandes elaborações. Consideramos que o carácter anónimo da resposta poderá reduzir o efeito da resposta socialmente desejável, mas é evidente que esta é uma opção avaliativa que deverá ser objecto de reequação para um futuro próximo. O quadro 7 sintetiza os resultados obtidos.

**QUADRO 7** – Percepção de alterações provocadas pela intervenção resultante do questionário de avaliação *a posteriori*

	Não provocou alterações	Menos álcool	Menos drogas	Consumo Mais Consciente	Menos riscos Sexualidade	Conduzir sob efeito	Ser conduzido
Alterações em mim	43,45%	41,07%	33,33%	56,55%	39,88%	37,50%	40,48%
Alterações em amigos	37,50%	35,12%	30,36%	42,26%	35,12%	39,29%	35,12%
	-6,95	+5,95	+2,98	+14,29	+4,76	-1,79	+5,36

Como remate da avaliação recolhida junto aos destinatários pensamos que é de sublinhar que 93% dos inquiridos consideram que a intervenção **deve ter continuidade** nos anos subsequentes.

### b. A perspectiva dos voluntários

A avaliação da intervenção a partir da perspectiva dos voluntários<sup>14</sup> foi obtida quer através dos questionários de avaliação final, quer de forma mais qualitativa, através de reuniões de encerramento do projecto em cada uma das cidades envolvidas.

Os voluntários avaliaram de **forma positiva** as condições de que dispuseram para levar a cabo a interven-

ção (4,9), a formação recebida, com especial destaque para a qualidade da mesma (5,3), sendo muito elevado o interesse que os temas lhes despertaram (5,5). O apoio técnico que receberam dos profissionais do IDT foi igualmente objecto de uma boa avaliação, com especial destaque para a qualidade da relação estabelecida (5,4), a disponibilidade (5,6) e a consistência evidenciada (5,4). A tarefa por si desempenhada foi avaliada como bastante clara (5,2) e de dificuldade alta (4,5), sendo considerado importante (5,2) o trabalho produzido em equipa. Genericamente, consideram o projecto **Muito Importante** (5,6) com um **Bom** grau de aceitação (4,9) e de impacto junto ao grupo alvo (4,7) o mesmo se

verificando no que diz respeito ao interesse despertado junto a colegas de curso (4,8). O impacto do projecto no grupo de voluntários foi igualmente considerado grande (5,2), traduzindo-se num desejo maciço de se manterem ligados ao projecto (90%) que apenas não é maior, porque uma parte significativa dos restantes 10% está em fase final do seu percurso universitário.

A avaliação qualitativa<sup>15</sup> confirma os dados recolhidos por questionário havendo, contudo, um conjunto de sugestões que vão ao encontro de uma formação mais espaçada no tempo que permita aprofundar alguns temas e alargar-se à intervenção em situações de crise. De referir o interesse e disponibilidade de um número alargado de voluntários para dar continuidade a este tipo de intervenção noutros eventos em ligação ao IDT, nomeadamente festivais de Verão e Recepção ao Caloiro.

### c. A perspectiva dos técnicos

Das respostas fornecidas pelos técnicos envolvidos na intervenção, pode-se retirar que, em média, cada técnico esteve envolvido 34 horas no projecto, em tarefas variadas, que foram desde reuniões de articulação/organização, formação dos voluntários, acompanhamento técnico e apoio à intervenção de proximidade, situando-se a média de noites cobertas na ordem das 3,4 noites.

Genericamente, a avaliação dos técnicos é positiva, quer do trabalho por si desenvolvido, nomeadamente ao nível da formação e do apoio técnico (em quantidade e qualidade), com especial destaque para a **muito boa** relação que foi possível estabelecer entre a equipa técnica e os voluntários (5,5).

Face ao processo, os inquiridos consideram que houve uma boa distribuição de recursos humanos tendo em conta o esforço solicitado, verificando-se um bom enquadramento das tarefas inerentes a esta intervenção nas suas habituais funções no CRI (4,8) e um conjunto adequado de condições (4,4) ao desenvolvimento do mesmo. Foi feita, igualmente, uma avaliação qualitativa junto às equipas técnicas, segundo o modelo MAPA, através do qual se procurou identificar as áreas de investimento futuro que conjugassem simultaneamente a importância e a urgência. Deste trabalho resultaram um conjunto de questões que foram trabalhadas numa perspecti-

va de identificar condicionantes e propor soluções.

Este trabalho realçou o sentimento de que é fundamental para a consolidação desta linha de intervenção reforçar a articulação com os parceiros, em especial com as Associações de Estudantes, área que é sentida como particularmente frágil face às mudanças frequentes de elenco directivo e à instabilidade dos grupos de trabalho. Foram igualmente valorizados aspectos referentes à visibilidade a dar à intervenção, de modo a contrariar a menor consciência por parte dos frequentadores da responsabilidade da iniciativa e o sentimento de que o Instituto aparece como secundário a outros organismos que apostam em formatos mais mediáticos. Também as questões internas mereceram atenção no processo avaliativo, sublinhando-se a necessidade de um maior reconhecimento do trabalho desenvolvido nesta área traduzido no reforço de recursos – humanos e materiais – para o desenvolvimento do mesmo. Ao nível dos procedimentos, a avaliação qualitativa reforça a importância de se criarem critérios de selecção dos voluntários, desenvolver o processo formativo de forma mais precoce e sustentada, permitindo uma melhor gestão de tempos e uma melhor riqueza de experiências formativas prévias à intervenção. Este processo deve visar a estabilização do grupo de voluntários envolvendo elementos que participaram em anos anteriores e diferenciando-os dos primeiros em termos de funções e conteúdos de formação. Ainda no plano interno, mas agora numa perspectiva mais conceptual, foi sentida a necessidade de uma progressiva clarificação de um modelo de referência que sirva de orientação a este tipo de intervenção em contexto recreativo.

## 7. CONCLUSÕES

Reflectindo sobre o percurso efectuado pelo Projecto de Redução de Riscos no Ensino Superior nestes dois anos, são evidentes os sinais de progressiva consolidação da intervenção, expressos no alargamento da sua cobertura a nível nacional, no aumento do número de voluntários mobilizados e através deles abrangendo um maior número de frequentadores destes eventos académicos – semanas académicas e recepções ao caloiro. O esforço de objectividade que orientou os procedi-

mentos de avaliação, ainda que aquém do desejado, permitiu um acréscimo significativo de informação que dá suporte à convicção de que a intervenção é valorizada pelas várias partes envolvidas – frequentadores, voluntários e técnicos. É expressa uma percepção de mudança que, ainda que careça de maior consistência do ponto de vista metodológico, se constitui como referência comparativa para intervenções futuras. É intenção da Equipa coordenadora introduzir em anos futuros o recurso a dados das urgências médicas, das ocorrências registadas pela polícia e dos processos encaminhados para as CDT como indicadores indirectos do impacto da intervenção.

O recurso aos pares como estratégia de abordagem aos frequentadores das Semanas Académicas revelou-se fundamental, sendo muito valorizada, não apenas no plano relacional, mas igualmente na informação fornecida. O alargamento da intervenção a outros eventos académicos, que tem vindo a acontecer – recepção ao caloiro, latada – vai já ao encontro da preocupação de evitar que esta intervenção seja vista como pontual e inconsequente. Garante-se, assim, a manutenção do grupo de voluntários e o desenvolvimento de uma maior experiência de intervenção por parte das equipas técnicas.

Naturalmente, esta linha de investimento pode evoluir em múltiplas áreas, desde a parte estrutural à parte técnica, passando pela introdução de estratégias de *marketing* social. O potencial de integração das diversas áreas de missão, lado a lado com o excelente pretexto para o reforço de articulação da rede social nas diferentes localidades onde a intervenção ocorre, fazem deste projecto uma mais-valia estratégica. Acresce-se ainda a importância de uma intervenção sistematizada e continuada que permita uma real e eficaz minimização do impacto dos riscos associados a este contexto, construída progressivamente a partir do debate de ideias e da consolidação de uma experiência a todos os níveis: formação, intervenção e avaliação.

O desenvolvimento desta linha de intervenção tem sido muito gratificante e pensamos que traduz de forma sólida a filosofia de funcionamento integrado que orienta o IDT. A satisfação expressa na avaliação levada a cabo, mais do que reforçar o empenhamento

da equipa de coordenação nacional, aumenta o grau de responsabilidade e de exigência na criação de melhores condições e de maior consistência da intervenção.

#### CONTACTO:

##### RAUL MELO

Licenciatura em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Lisboa  
Assessor de Saúde da Carreira Técnica Superior de Saúde – Ramo Psicologia Clínica  
raul.melo@idt.min-saude.pt

#### NOTAS:

**1** – Calafat (2001) inclui o contexto festivo universitário como uma das cinco categorias identificadas pelo IREFREA, no seu estudo europeu, enquanto cenário de intervenção em contexto recreativo (pág. 106).

**2** – No contexto festivo, as bebidas alcoólicas podem ser percebidas como facilitadoras da interacção social (Gutiérrez, 1997) e, à semelhança do *ecstasy* e da *cannabis*, podem-se constituir como “uma forma de formalizar e sincronizar um grupo de indivíduos próximos entre si” (Racine, citado por Carvalho, 2007). Aquatias (citado por IDT, 2007) refere também a utilização da substância em contexto (temporal e espacial) de ruptura com o quotidiano, para expressar/extravasar emoções acumuladas no dia-a-dia.

**3** – Fazendo a leitura destes dados desdobrando as áreas acumuladas, a distribuição total altera-se verificando-se que é a área de tratamento que surge mais representada, com 37% de referências, seguida da área de redução de riscos, com 31% de referências e da área da prevenção, com 26% de referências, apresentando a área de reinserção um valor de 6%.

**4** – Algumas destas colaborações surgem como forma de articulação com intervenções em curso no âmbito de Programas de Intervenção Focalizada (PIF), ou dos Programas de Resposta Integrada (PRI).

**5** – Em algumas cidades houve também a preocupação de criar condições para uma integração dos voluntários que pretendam prolongar a sua experiência nesta área, para além do seu percurso académico.

**6** – De referir que 10% dos voluntários já são licenciados, 14% dos voluntários frequentam o 2º ciclo e apenas 9% estão a iniciar o seu percurso no ensino superior.

**7** – A diferença para os 138 técnicos anteriormente referidos prende-se com a coordenação central do projecto e os formadores envolvidos na formação dos técnicos.

**8** – A avaliação da formação foi feita recorrendo a questionários de respostas através de escalas de Likert de 6 pontos.

**9** – Dr.ª Cristina Ribeiro e Dr.ª Natacha Torres da Silva.

**10** – Fitas de pulso, autocolantes, porta-chaves.

**11** – Os valores apresentados nas medições em algumas cidades levantam dúvidas sobre a calibração dos aparelhos e reforçam o desejo de em anos futuros a recolha ser feita com recurso a aparelhos iguais em todas as cidades.

**12** – Foi utilizada uma escala de Likert de 5 pontos com 1 a representar muito pouco importante e 5 a representar muito importante.

**13** – Foi utilizada uma escala de Likert de 6 pontos com 1 a representar muito mau e 6 a representar muito bom.

**14** – Foi utilizada uma escala de Likert de 6 pontos com 1 a representar muito mau e 6 a representar muito bom.

**15** – Foram concretizados Encontros Regionais de voluntários no Norte, Lisboa e Vale do Tejo e Alentejo/Algarve, nos quais se procedeu à troca de experiências entre grupos de diferentes cidades e efectuada uma avaliação qualitativa da experiência vivida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aquatias, S. (2001). "Les consumptions de produits psychoactifs dans les milieux festifs de la culture rock". *Ivry sur Seine: RES – Recherche et Societes*.

Bellis, M. A., Hughes, K., Lowey, H. (2002). "Healthy nightclubs and recreational substance use from a harm minimization to a healthy settings approach". *Addictive Behaviors*, 27, 1025 – 1035.

Calafat (2001). *Risk and Control in the Recreational Drug Culture*. IREFREA.

Calafat (2002). "Estrategias preventivas del abuso de alcohol". *Adicciones*. Vol. 14, Supl. 1.

Calafat e col. (2005). "Cómo el propio consumo de drogas de los mediadores recreativos tiene implicaciones preventivas". *Adicciones*. Vol. 17. Nº 2 (145-155).

Carvalho, M. C. (2007). *Culturas Juvenis e novos usos de drogas em*

*meio festivo - o trance psicadélico como analisador*. Porto: Campo das Letras.

Davison, D., Parrott, A. C. (1997). "Ecstasy (MDMA) in Recreational Users: Self-reported Psychological and Physiological Effects". *Human Psychopharmacology*, 12, 221-226.

EMCDDA (2010). *Prevention responses to drug use in the EU*. Acedido em 27 de Janeiro de 2010 em <http://www.emcdda.europa.eu/themes/prevention/responses-in-eu>

Gutiérrez (1997). "Escenarios de futuro del VIH-SIDA: de la enfermedad «acontecimento» a la cronicidad difusa. Del estigma moral a las zonas más centrales de la vulnerabilidad social". *Revista Esp. Salud. Pública* 71 (1-7). Nº 1 (Jan-Fev).

IDT (2006). *Plano Nacional de Luta contra a Droga e as Toxicodependências*. IDT, Lisboa

IDT (2007) *Relatório Rock in Rio 2006*. IDT, Lisboa

Forsyth, A. J. M., Barnard, M., McKeganey, N. P. (1997). "Musical preference as an indicator of adolescent drug use". *Addiction*, 92 (10), 1317-1325.

Holt, M. (2005). "Young people and illicit drug use in Australia". *Social Research Issues Paper*, 3.

Marlatt, G. A. e col. (1998). *Redução de Danos: estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco*. São Paulo: Editora Artes Médicas Sul, Ltda.

Needle, R. H. e col (2005). "Effectiveness of community-based outreach in preventing HIV/AIDS among injecting drug users". *International Journal of Drug Policy*, 16S, S45-S57.

Paglia, A. e Room, R. (1998). *Preventing substance use problems among youth: a literature review & recommendations*. Canadá: Addiction Research Foundation Division - Centre for Addiction and Mental Health.

Pereira, A. S. (2005). "Educação pelos pares na promoção da Saúde" in *Para obter sucesso na vida académica – apoio dos estudantes pares*. Universidade de Aveiro

Winstock, A. R., Griffiths, P., Stewart, D. (2001). "Drugs and the dance music scene: a survey of current drug use patterns among a sample of dance music enthusiasts in the UK". *Drug and Alcohol Dependence*, 64, 9-17.